



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

MUNDO GRÁFICO (1940-1948) – Revista quinzenal de “actualidades nacionais e internacionais” da propriedade de “Mundo Gráfico, Lda.”, com redação e administração sediadas, inicialmente, na rua de S. Nicolau, 119-3.º, em Lisboa, depois passando para a rua das Gáveas, 6-2.º, em Lisboa. Artur Portela (1901-1959) foi o seu primeiro diretor e Rocha Ramos o editor inicial. Posteriormente, Redondo Júnior (1914-1991) passou a ser chefe de redação e Editor. Mais tarde, a direção passou a estar a cargo do diretor do *Jornal do Comércio e das Colónias*, e também seu Administrador, Diniz Bordallo Pinheiro (1892-1971), com edição de Carlos Abreu.

A composição e a impressão eram inicialmente feitas na Neogravura, Lda. (travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6, em Lisboa), passando a ser depois na Empresa do Jornal do Comércio e das Colónias (rua Dr. Luís de Almeida e Albuquerque, 5, em Lisboa). O grafismo pertence a Romeu Marques Cardoso [1898-?]. O preço era de 1\$50 por número, com assinaturas (12 números a 18\$00 e 24 números a 36\$00). Como o título indica, é profusamente ilustrada com fotografias, para além de anúncios, desenhos humorísticos e passatempos. Teve o visto da comissão de Censura. Foi publicada de 15 de outubro de 1940 a fevereiro de 1948, num total de 135 números (24,5x33 cm), por onde passaram muitos colaboradores. No n.º 110 (30 de abril de 1945) e seguintes, dá-se conta da publicação para breve de um número especial, comemorando o final da Guerra, de tiragem limitada, com mais de 100 páginas, algumas delas a cores.

PROGRAMA EDITORIAL

A revista *Mundo Gráfico* surge em 1940, num ano mítico para o Estado Novo, em plena II Guerra Mundial. Festejava-se a dupla efeméride histórica – a Fundação da Nacionalidade (1140) e a Restauração (1640) – ao estilo de pendor fortemente nacionalista e imperial, integrando o lançamento de inúmeras edições. Esta nova revista portuguesa ter-se-á inspirado na revista espanhola homónima (1911-1938), que contou com nomes importantes da literatura do país vizinho. Mas a “sucedânea” portuguesa surge num tempo diferente, pelo que os seus conteúdos integram novos temas. É favorável à causa dos Aliados, o que foi raro na imprensa europeia da época.

Data de 15 de outubro de 1940 o seu primeiro número, ostentando na capa os presidentes da República e do Conselho nas “manobras de Outono”, marcando a sua linha editorial associada ao quotidiano do regime, às notícias da Guerra e às curiosidades da sociedade (portuguesa e estrangeira). A abrir, a redação traça os fundamentos desta nova publicação: “Modestamente vimos ocupar o nosso lugar na imprensa portuguesa”.

Assume a ausência de programa e a defesa dos “superiores destinos da Pátria, na defenição [sic] de Salazar, a quem Portugal deve a sua paz externa e a sua

paz interna. Não esquecemos as nossas amizades tradicionais, nem o que devemos ao espírito cristão, com o qual nasceu a nossa independência e se formou o nosso império, repartido pelas cinco partes do mundo. Pretendemos dar ao público uma revista viva, actual, moderna, que o distraia com o mínimo de pensum [sic] literário, mas com algumas ideias e bastantes imagens de modo a justificar, plenamente, o seu título 'Mundo Gráfico' (n.º 1, p. 2).

Nessa página, composta por pequenas notícias, está todo o enquadramento de Portugal no contexto da Guerra. "Portugal sobre o Atlântico" dá nota da importância vital do centro de gravidade que se tornou o Atlântico e, em particular, as ilhas portuguesas, onde o Governo concedeu uma verba para se construírem, no Faial e no Pico, dois faróis que possam ser utilizados pela navegação aérea. Em "O Grande Churchill" faz-se o elogio a um dos nossos aliados, na época. E em "O Papa reza" sublinha-se a importância de Pio XII como símbolo e esperança na paz. Na página seguinte, defende-se: "Portugal, por tudo quanto caracteriza a sua existência de Império, deve ser um país de aviadores" (n.º 1, p. 3).

CONTEXTO HISTÓRICO

Um país, desde sempre virado ao mar, assistia pelas imagens chegadas e impressas, nesta revista, aos confrontos bélicos de todo o mundo. No seu sereno refúgio da Cidadela de Cascais, Carmona, o Presidente da República, era entrevistado pelo *Mundo Gráfico*, em ambiente onde o mar era "o seu melhor clima físico e espiritual. Portugal est[ava] ali. Fala[va]-lhe pela voz do Oceano. Emmoldura[va]-lhe de azul as rasgadas vigias do terraço. Inspira[va]-o até no velho sonho de epopeia lusíada, (...) na projecção dum grande Império" (n.º 20, p. 7).

Se a Cidadela era o refúgio presidencial de Verão e fim-de-semana, Portugal passou a ser o abrigo de milhares de refugiados. Nesse mês de início do *Mundo Gráfico*, em Outubro de 1940, dois fluxos maciços de judeus luxemburgueses entraram na fronteira portuguesa, acompanhados por Albert Nussbaum, presidente da comunidade judaica do Luxemburgo. E, na segunda metade de 1941, embarcariam em Portugal, com destino às Américas, 3682 judeus, e na primeira metade de 1942 este número subiu para mais de 4 milhares. Portugal continuou sempre a acolher refugiados da Guerra, designadamente, instalados em estâncias de veraneio.

A permanência destes refugiados alterou, profundamente, os rituais quotidianos e a moda, como o papel da mulher na sociedade, que se refletiu na indumentária, aspeto que não passou despercebido à imprensa portuguesa.

Nesse mesmo ano de início do *Mundo Gráfico*, realizou-se o primeiro censo do Instituto Nacional de Estatística, aceite como um marco na história dos recenseamentos portugueses. Em simultâneo, foi organizada a grande exposição evocativa do Império, inaugurada em 23 de Junho de 1940, que incluía pavilhões temáticos relacionados com a História de Portugal, as suas atividades económicas, culturais e das regiões e territórios ultramarinos. O evento levou a uma renovação urbana da zona ocidental de Lisboa. A

exposição levou também à construção de outras infraestruturas de apoio, como o Aeroporto da Portela. Encerrada a 2 de Dezembro, recebeu cerca de três milhões de visitantes, constituindo o mais importante facto cultural do regime.

CONTEÚDOS EDITORIAIS

Entre 1940 e 1948, a nossa guerra era outra! Enquanto a revista dava conta dos “Reflexos da Guerra” (n.º 1, pp. 8, 9), por cá “Portugal trabalha[va] consciente do seu destino!” (n.º 1, p. 13). Lisboa, “com a guerra, converteu-se na capital da moda” (n.º 1, p. 7) – as lisboetas eram fotografadas e apresentavam-se elegantes como as parisienses. Até se mostra uma passagem de modelos de atrizes vestidas de jornais, *toilettes* de papel impresso – “figuras jornalizadas” (n.º 52, p. 13). Estava dado o mote desta revista, cuja capa é muitas vezes destinada a motivos portugueses, com claro pendor patriótico, e a contracapa é dedicada à guerra em curso e a outros temas internacionais.

Na guerra, o nosso herói era outro: Fernando Pessa, o locutor português da BBC – “A voz de Londres fala... e o mundo acredita”, dizia-se da emissora britânica. A revista considera-o “uma voz internacional” – “Dia sim, dia não, num dos microfones da grande estação londrina, o nosso compatriota domina o éter”. E conta-se uma história: “Na semana passada, a estação foi bombardeada; houve mesmo vítimas. Pessa continuou a sua reportagem de guerra sem que a sua voz traísse a mais ligeira perturbação. Um verdadeiro herói, na primeira linha de fogo! Numa palavra, um português!” (n.º 7, p. 6).

No final da Guerra, o diretor desta revista, Artur Portela, escreve: “Somos o que fomos! Continuamos a acreditar, cegamente, que, das ruínas da Europa, há-de nascer uma renovação social. Libertou-se, fisicamente, o mundo. A hora do espírito chegará também!” (n.º 120, p. 3). Foi particularmente nestes números que Artur Portela assumiu a sua assinatura nos textos que escreveu. No *Mundo Gráfico*, enfrentou os caprichos e as agruras do tempo, em Portugal e no mundo, aceitando dirigir uma revista, quando outros terão recusado. Para além do *Mundo Gráfico*, Portela colaborou em vários outros jornais e revistas: pertenceu, desde o princípio, à redação do *Diário de Lisboa*, viajando bastante, entrevistando políticos como Churchill e Franco.

Por cá, as modas, as obras do Estado Novo (Exposição do Mundo Português, Aeroporto de Lisboa, Barragem “Salazar” de Alcácer do Sal) e o Portugal urbano e rural dominavam as páginas da revista que eram dedicadas aos nossos temas. A página feminina era da responsabilidade de Aurora Jardim e a de cinema de António Lourenço. Diversos autores escreveram novelas. Durante alguns números, decorreu um concurso de fotografia para amadores e um conjunto de entrevistas a embaixadores de diversos países em Portugal. Também um curioso inquérito fez a seguinte pergunta a algumas personalidades conhecidas: “Qual o sítio mais bonito de Lisboa?”. Um dos respondentes diria: “Não respondo. Nem esta é pergunta que se faça a um ‘Amigo de Lisboa’! Lisboa (...) não tem sítios feios” (Leitão de Barros).

Lisboa é, aliás, motivo de inúmeras imagens, onde as modas eram muitas vezes mostradas. Mas também se dizia que a cidade tinha “fome de notícias” – “Picada de insaciável curiosidade, já lhes não chegam os jornais, nas suas edições matutinas e vespertinas. Exige mais, sempre mais, numa sofreguidão de sensacionalismo que lhe absorve todos os momentos. De dia e de noite, ansiosa, febril, esfaimada de novidades, vemo-la diante dos *placards*, permanentemente curiosa de saber o que vai por êste agitado planeta” (n.º 31, p. 21).

A derradeira imagem do último número desta publicação é dedicada à praia do Estoril, estância de veraneio de eleição da elite portuguesa e a imagem mais cosmopolita de um Portugal que, no seu restante território europeu, era muito diferente, embora as páginas do *Mundo Gráfico* transmitissem esse outro lado, mas querendo transformá-lo em riqueza – “A vida aqui é simples, idílica. Manhãzinha, o sol abre todos os postigos,” (...) [u]m cenário de alegria, de montes azuis e sadios horizontes. (...) Cada lar tem um forno privativo, onde se coze o pão moreno, de milho e centeio, que os camponeses arrancaram à terra generosa. (...) É na Aldeia, no casario que a constitui, nos seus costumes, na linguagem, sem estrangeirismos dos habitantes, que Portugal pode encontrar o seu verdadeiro rosto. É lá que ainda se mantêm, como que enraizadas no solo, tradições que morreram nas cidades e de que as vilas fizeram já tábua rasa” (n.º 35, p. 22).

Por Jorge Mangorrinha

Lisboa, Hemeroteca Municipal, Junho de 2014

FONTES

Mundo Gráfico. Lisboa: “Mundo Gráfico, Lda.”, 1940-1948.